

A LITERATURA AMAZÔNICA EM SALA DE AULA

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias (SEDUC-PA)

kissfarias@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho surgiu com o intuito de ratificar na escola pública, a prática de leituras de textos da literatura amazônica, e tem como base os estudos teóricos da estética da recepção. Algumas discussões sobre as nomeações da literatura produzida aqui, são produzidas por alguns estudiosos paraenses, em relação a maneira de se colocar diante do fato ao falarmos de uma literatura paraense ou de uma literatura da Amazônia. Trago para análises, a obra *Banho de Cheiro*, de Eneida de Moraes. A autora destacou-se como importante cronista paraense ao rememorar, em muitas delas, suas experiências vivenciadas na infância. Suas memórias se intercalam com as experiências vividas, já adulta, como perceberemos na obra. A estética da recepção direciona seus estudos ao papel do leitor diante da obra lida, dando importância aos efeitos que as obras literárias fazem aos leitores, a partir do contato com a mesma. Objetiva-se observar como esse leitor reconhece seu lugar, sua gente, e costumes, por meio da literatura. Para o uso dessa teoria aqui nesse trabalho, orientou-se, principalmente em Regina Zilberman (2004), estudiosa da estética da recepção no Brasil.

Palavras chaves: Literatura amazônica. Eneida de Moraes. Escola.

1. *Literatura da Amazônia: por que não?*

A história da literatura amazônica não foi e não é diferente da história da literatura brasileira de modo amplo, e nem se quisera ser, pois essa é inserida naquela. Mesmo assim, a sua construção no decorrer do tempo foi cheia de atropelos, mas não menos merecedora de estudos, pesquisas sobre suas obras e representantes. Em relação à Amazônia, temos muitos fatores: históricos, sociais e territoriais que nos forcem a vê-la como um lugar distante de outros, com riquezas exploradas por poucos e esquecidas pelos poderes públicos, concepção que aumenta mais a má impressão que os forasteiros têm desse lugar e conseqüentemente de sua gente. Insiro-me nesse contexto, faço parte inteiramente dele, e me contraponho àqueles que nos enxergam como um olhar voltado para o exótico.

Algumas discussões sobre as nomeações da literatura produzida aqui, são discutidas por alguns estudiosos paraenses, em relação a maneira de se colocar diante do fato ao falarmos de uma literatura paraense ou de uma literatura da Amazônia. Paulo Nunes (2008), discute que “a expressão literatura paraense, além de ser acanhada demais, fere a universa-

1 idade, princípio básico a qualquer manifestação que se deseja artístico”,
2 e que a literatura de autores que nasceram no Pará não pode deixar se de-
3 signar apenas como “exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos
4 universais”. O pensamento de Paulo Nunes vai de encontro aos de Edil-
5 son Pantoja (2011), que diz que não se deve em “nome de uma universa-
6 lização suprimir o regional”. Penso que nosso papel como educadores, é
7 discutirmos a melhor maneira de fazer com que essas obras, sejam para-
8 enses ou de expressão amazônica, se difundam em todos os quatros can-
9 tos do país, entretanto, o desconhecimento dos próprios moradores locais
10 em relação às essas obras é gritante, que primordialmente, temos que
11 percorrer caminhos que me facilitem o acesso dessas obras aos sujeitos
12 locais, pais, professores, alunos entre outros possíveis leitores.

13 Com o propósito de levar a literatura amazônica a um maior co-
14 nhecimento de muitos, o projeto CUMA – Culturas e Memórias da Ama-
15 zônia, orientado pela professora Josebel Fares, desde 2007, desenvolve
16 ações referente à recepção poética. Consiste em um programa de recep-
17 ção de leitura e absorve projetos de iniciação científica concluídos, que
18 tem como público prioritário alunos de ensino médio, e projetos de ex-
19 tensão que atendem professores do ensino fundamental e idosos e é de-
20 senvolvido por professores e alunos da graduação em letras da Universi-
21 dade Estadual do Pará (UEPA). Projetos como esse nascem a partir in-
22 quietações de profissionais com as ausências de investimentos e apoio
23 das autoridades políticas, um mínimo reduzido de editoras locais, da falta
24 de apoio aos escritores, enfim, os obstáculos se forem enumerados aqui
25 serão muitos.

26 Esta ação do grupo de pesquisa "Culturas e Memórias Amazôni-
27 cas", é uma proposta de contribuição para mudança da situação apontada.
28 Assim, o então, projeto de iniciação científica “Literatura: recepção das
29 poéticas amazônicas” surge a partir da necessidade de romper duas bar-
30 reiras muito fortes na área literária. A primeira refere-se ao leitor, que
31 desde o surgimento da crítica literária em sua maioria, era deixado de la-
32 do, e, felizmente, começa a ser recuperado pela estética da recepção, que
33 considera, conforme o nome já indica, a experiência estética do receptor.

34 O segundo entrave diz respeito ao desconhecimento e ao despre-
35 tígio da literatura de expressão amazônica, tanto em nível regional quan-
36 to em nível nacional, e a certeza da qualidade estética dessa produção fei-
37 ta de grandes autores e grandes obras e da necessidade de valorização.
38 (FARES, 2012, p. 15)

39

1 2. *Eneida de Moraes*

2 Eneida de Moraes (1903-1971) destacou-se como importante cro-
3 nista paraense ao rememorar, em muitas delas, suas experiências viven-
4 ciadas na infância. Suas memórias se intercalam com as experiências vi-
5 vidas, já adulta, como podemos perceber na obra, aqui escolhida, *Banho*
6 *de Cheiro*, onde a autora traz o sentido da audição para que o leitor sinta
7 a diferença das suas emoções e decepções.

8 Naquele tempo não havia, como hoje, bombas e morteiros trágicos, vio-
9 lentos, barulhentos, que tornam nesta cidade chamada Distrito Federal – então
10 minha amada – o mês de junho um mês de guerra. No meu tempo de menina
11 os fogos eram líricos, e a todos em conjuntos chamávamos foguetinhos.

12 Eneida de Moraes viveu em um período onde a voz feminina era
13 muito abafada, e por isso foi conduzida ao discurso de igualdade, seja de
14 gênero, ou de classe, tornando-se ativista do Partido Comunista Brasilei-
15 ro (PCB), fora presa por várias vezes, e dessas prisões surgiram muitas
16 reflexões sobre o momento delicado pelo qual o país passava. A narrativa
17 de Eneida de Moraes é transparente e atinge o leitor em cheio. Ora ame-
18 na, ora pungente, a autora consegue, muitas vezes, fazer de seu texto um
19 instrumento de denúncia. Foi uma escritora essencialmente memorialista,
20 rememorou em suas crônicas, as ruas, os costumes o povo de uma antiga
21 Belém do Grão-Pará.

22 (...) O fato de a autora buscar no passado os elementos de sua literatura, faz
23 com seu texto, sobressaia uma Belém distanciada da vida urbana, tumultuada
24 e, não raras vezes antagônicas, que hoje presenciamos na capital paraense. Be-
25 lém, onde os santos já não são mais festejados e as festas populares perderam
26 grande parte do seu original fascínio. Mas a autora fala de um tempo em que
27 as seduções existiam: “perdoa-me se gosto tanto de ressuscitar meu passado”,
28 desculpa-se numa das passagens de “Banho de Cheiro”. (FARES, NUNES &
29 VINAS, 1992)

30 A Belém de Eneida de Moraes não é mais a mesma, mas muitas
31 cidades do Pará, ainda vivem como antes, e ao lermos suas memórias,
32 pensamos no presente vivido, nas cidades nostálgicas, onde, a impressão
33 que temos, é que o “progresso” nunca chegará no local. O texto aqui es-
34 colhido foi “Banho de Cheiro”, como um dos textos para fazer parte da
35 experiência a partir estética da recepção, participaram alunos do 3º ano
36 do ensino médio, com o objetivo de mostrar-lhe autores amazônicos. Não
37 posso deixar de dizer que foi um trabalho gratificante, a aceitação da au-
38 tora pelos alunos foi muito boa, em especial porque a história narrada no
39 texto escolhido faz parte da vida de muitos deles, uma vez que na cidade

1 é comemorado a festa do Padroeiro São João Batista, a maior festa reli-
2 giosa de Curralinho.

3 4 **3. *Banho de cheiro***

5 Ao se trabalhar em um projeto dessa dimensão, a escolha da obra
6 é de fundamental importância, e, de acordo com isso, ao optarmos pela
7 literatura amazônica, estamos coerentes com o objetivo aqui proposto,
8 pois, como profissionais, sabemos de nossa obrigação em cumprirmos
9 um currículo já escolhido por outros, entretanto, há a necessidade de am-
10 pliar nosso horizonte fortalecendo assim, esse trabalho, haja vista,
11 que não existe em nosso currículo atual, propostas de trabalhos com essa
12 literatura. Espero que os leitores se deleitem a partir do texto, participan-
13 do como leitor, de fato, por meios das suas colocações e conhecimentos
14 de mundo.

15 O leitor investe no texto a partir de sua experiência de mundo e da
16 literatura e se afigura o universo ficcional com imagens mentais que lhe
17 são próprias. ao mesmo tempo a incompletude do texto suscita no leitor
18 uma forte atividade inferencial: inferências lógicas, resultantes do siste-
19 ma linguístico, inferências pragmáticas que convocam os saberes enci-
20 clopédicos “–ambas são automáticas – e abduções que requerem relações
21 cujo resultados permanecem marcados pela incerteza. São essas últimas
22 que oferecem a possibilidade de ricos debates interpretativos em classe”.
23 (ROUXEL, 2013, p. 25)

24 **Banho de Cheiro**

25 De Santo Antônio, não sou íntima, tampouco de São Pedro. Remexendo
26 lembranças, acendo o passado, não os encontros impressos ou esboçados em
27 nenhuma fase de minha via.

28 De Santo Antônio sempre ouvi falar maravilhas em matéria de amor: fez
29 casamentos que pareciam irrealizáveis, uniu lares desfeitos, alimentou sonhos,
30 esperanças, desejos, ambições sentimentais. Emprego os verbos no passado, se
31 bem que saiba que o santo português que é que é tenente-coronel, do Exército
32 Brasileiro – continua, hoje, como ontem, em sua bela faina, pró-satisfatoria-
33 mente. A Santo Antônio nunca solicitei favores; nunca sei pedir nada para
34 mim mesma a ninguém, nem mesmo a meus melhores amigos. Consegui, nos
35 momentos precisos, resolver sozinha meus romances. Hoje dele nada mais es-
36 pero, desejo ou quero.

37 De São Pedro quase nada sei, a não ser que guarda as chaves do céu, lugar
38 que com certeza jamais conhecerei.

1 Mas como São João o caso muda inteiramente de figura; São João é per-
2 sonagem de minha infância; de São João já sou velha e dedicada amiga.

3 Aprendi a amá-lo muito cedo. Creio que ele deve ter sido um dos primei-
4 ros amores de minha vida, e ora contarei porque São João e eu somos tão ín-
5 timos: em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém
6 do Grão-Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama
7 banho de cheiro ou banho de felicidade. Quereis aprender a fazê-lo? A receita
8 é simples, e transmitindo-a, cumpro um dever, pois de coração vos desejo, a
9 todos, muitas felicidades.

10 Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água
11 jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas
12 – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervi-
13 as, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem. Perdoai se
14 os nomes dessas ervas parecem selvagens aos vossos ouvidos habituados aos
15 caros, raros e belos perfumes franceses, cujos rótulos lembram romances e po-
16 emas. Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da floresta e, com eles,
17 naturalmente nossos avós índios também se perfumavam; se não recendiam
18 aquele odor é porque – sabeis – os índios têm cheiro de terra.

19 Eis as plantas necessárias ao banho da felicidade: catinga-de-mulata, man-
20 jeronna, bergamota, pataqueira, pripríoca, cipó cantiga, arruda, cipoíra, bauni-
21 lha (só uma fava) e corrente. Deixai ferver e ferver muito. Depois – ah depois
22 – deixai esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado
23 à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de todas as aventuras. São Jo-
24 ão ajudará.

25 Manhã cedo, no meu tempo de menina – perdoai se gosto se gosto tanto
26 de ressuscitar meu passado – nas vésperas de São João, a cidade amanhecia
27 festiva, com a correria de homens carregando à cabeça tabuleiros cheios das
28 ervas felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as
29 praças pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as praças e ruas de
30 Belém de meu tempo.

31 – Cheiro cheiroso! (A pronúncia local: chêro chêroso)

32 Eram muitos, muitos; janelas e portas se abriram em todas as casas. Quem
33 deixava de comprar seu banho para aquela noite? Nos fogões e nas fogueiras –
34 as mesmas que iriam iluminar a noite do santo –, a grande lata fervendo. São
35 João ia chegar encontrando nossos corpos perfumados, prontos nossos cora-
36 ções para a felicidade. No cabelo das curibocas, jasmims e maços de patchulli
37 recendiam.

38 Na casa de meu pai, meninos, brincávamos com balões, soltávamos estre-
39 linhas, em pontas de varas para não queimarmos as roupas, lançávamos para o
40 ar as pistolas. Naquele tempo não havia, como hoje, bombas e morteiros trágic-
41 cos, violentos, barulhentos, que tornam nesta cidade chamada Distrito Federal
42 – então minha amada – o mês de junho um mês de guerra.

43 No meu tempo de menina os fogos eram líricos, e a todos em conjuntos
44 chamávamos foguetinhos.

1 Os foguetinhos: as estrelinhas saindo daquele bastonete, tão bonitas, tão
2 claras enquanto gritávamos: “minhas estrelas são as mais bonitas! Tenho mais
3 estrelas do que tu!” Cada bola de cor que nascia de uma pistola era u grito de
4 alegria. Naquele momento não compreendíamos por que havia pistolas se ne-
5 gando a soltar bolas de cor; não sabíamos ainda da existência de pessoas e fo-
6 guetinhos que jamais realizam seus destinos.

7 Alto, muito alto, subia a língua vermelha das fogueiras. Tínhamos o direi-
8 to de, naquela noite aquele – rara noite – dormi mais tarde, porque no dia de
9 São João nascera meu pai e, à meia noite, mesmo com a mesa cheia de iguari-
10 as, mesmo que ela estivesse coberta de cristais, no quintal corria, em cuias
11 pretas, o manguzá.

12 Armavam-se ou aproveitavam-se as fogueiras que haviam servido para
13 ferver o banho da felicidade. Soltávamos gritando: “São João disse, São Pedro
14 confirmou que havemos de ser compadres que Jesus Cristo mandou”. Podía-
15 mos ser compadres e comadres, primos, noivos, tudo que escolhêssemos em
16 parentesco, porque o dom das fogueiras juninas é crias e ampliar novas famí-
17 lias, formar laços até então inexistentes.

18 Somos muito amigos, por tudo isso, São João e eu. Nunca houve na mi-
19 nha infância o raiar de um dia de 24 de junho sem que minha família tivesse
20 sido aumentada; à sombra da fogueira onde corria o manguzá, muitas vezes
21 madrinha fui; meus primos se tornaram multidão.

22 – Irmã, não. De irmã não pulo com ninguém. Irmã só mesmo de meus ir-
23 mãos! (Tolices de menina, perdoai. Só depois aprendi, com orgulho e alegria,
24 a grande quantidade de irmãos que tenho espalhados pelo mundo).

26 4. *Os leitores participantes*

27 O homem está no mundo e com o mundo. Se ape-
28 nas tivesse no mundo não haveria transcendência nem
29 se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se,
30 pode também distinguir entre um eu e um não eu. (Paulo
31 Freire)

32 O ser humano, desde o momento em que é concebido, passa por
33 processos naturais, e vai amadurecendo de acordo com suas mais diver-
34 sas etapas, processos. Os sujeitos, de acordo com essas etapas, se adap-
35 tam ao que lhe é pedido. Em relação à vida escolar, o aluno deve ir se
36 familiarizando a várias situações em que é inserido, e a leitura é uma de-
37 las. A leitura é muito importante para compreensão de mundo, prazer e
38 fruição, para isso muitos métodos são discutidos. No que se refere à edu-
39 cação, pensa-se no material a ser selecionado, o papel da escola, do pro-
40 fessor, como peças fundamentais para que esse indivíduo se torne cons-
41 trutor de conhecimentos. Pensando nisso, selecionamos alunos do 3º ano
42 do ensino médio, com a faixa etária entre 16 e 25 anos. Os alunos, aqui

1 em questão, em sua maioria, são oriundos da zona rural, vindo para a ci-
2 dade, com o intuito de terminar o ensino médio, pois de onde originam,
3 as escolas oferecem até a 8ª série.

4 Tentam também escapar das estatísticas que nos mostram a gran-
5 de quantidade de jovens, em idade de fazer ensino médio, e que estão fo-
6 ra da escola. A maioria deles tem sonho de fazer uma graduação, muitos
7 ainda não entendem os benefícios de estudar e muitos, sabem dos benefí-
8 cios, tem vontade de continuar, mas voltarão para seus interiores, por não
9 terem condições de saírem da cidade para buscar algo melhor, pois a nos-
10 sa pequena cidade, não os oferece nem um curso superior.

11 Com os sujeitos escolhidos e o material também, fomos para a
12 prática. Dividi o trabalho em 6 horas/aulas de 45 minutos cada aula. Nos
13 três primeiros tempos das aulas fiz o procedimento acima citado e logo
14 após entreguei um questionário de sondagem com o objetivo de verificar
15 com que frequência eles leem, o que leem, para que serve um livro para
16 eles entre outras. Em seguida dei para cada aluno, uma fotocópia do ma-
17 terial, que seria trabalhado com eles; a primeira parte do material falava
18 sobre a vida e obra da autora e segunda sobre a obra escolhida. Dando
19 continuidade ao trabalho, comecei perguntando se eles já tinham lido al-
20 gum autor paraense, todos, sem exceção, responderam que não e muito
21 menos tinham ouvido falar em Eneida de Moraes

22 Depois da leitura e reflexão sobre o texto, a etapa seguinte é fazer
23 uma análise mais minuciosa da recepção literária do texto de Eneida de
24 Moraes, a partir das gravações feitas com esses alunos.

25 *Impressões iniciais sobre a autora:*

26 em relação ao conhecimento do autor, nenhum aluno, sem exceção, co-
27 nhecia a autora e tão pouco outro escritor paraense. Quase em coro res-
28 ponderam que não. Nesse ponto já podemos perceber a ausência de traba-
29 lhos de leitura com textos amazônicos.

30

31 *Impressões iniciais sobre a obra:*

32 os alunos não sentiram dificuldades de leitura, em alguns momentos des-
33 conheciam algumas palavras, mas pelo que notei, não afetou o entendi-
34 mento na leitura. Como podemos ver na resposta da A1/:

35 Eu gostei, achei muito interessante a parte que ela fala, né do São João, de
36 como era antigamente pra hoje, né? Lá no Rio de Janeiro que era muito barul-
37 hento, não tinha aquela... Não viviam muito em família, pulavam foguei-
38 ra...Lá não tinha tudo isso!

1 *Em relação ao local da narrativa:*

2 Perguntei onde se passava a história, e ao tipo de narrador encontrado no
3 texto:

4 A1: Dá pra entender bem!

5 A2: Ela fala do São João carioca e o outro momento é Belém. Ela fala dos
6 cheiros....

7 A1: Narrador personagem... É a própria Eneida que escreve, ela fala mui-
8 to de São João e de outros santos!

9 *Ainda sobre o texto, perguntamos sobre a relação da autora com*
10 *os santos:*

11 A1: A relação dela com São João era mais...

12 A2: De Santo Antônio ela nunca precisou!

13 A3: Eu acho assim, professora, ,que ela acreditava mais em São João, né?
14 Ela tinha fé, ela acreditava mais em São João que pudesse ajudar ela...Ela fala
15 que foi o primeiro amor da vida dela!

16 A4: É porque ela convivia mais com São João desde a sua infância, ela
17 diz que nunca amanheceu uma manhã de 24 de junho sem estar convivendo
18 com ele...Com São João!

19 A5: As histórias que ela ouvia desde criança e ela começava a acreditar e
20 dos outros não! Nunca ouvia falar. É igual assim, os evangélicos, os que nas-
21 cem, o pai e a mãe evangélicos, eles sempre ouvem falar em Jesus, em Deus,
22 nos santos ele não acreditam, e acho que com ela foi assim, cresceu nesse
23 mundo ouvindo falar de São João!

24
25 *Sobre suas vivências e sobre o banho de cheiro descrito no texto:*
26 *perguntamos se eles já tinham ouvido falar sobre os ingredientes desse*
27 *banho, e se tiveram alguma oportunidade de tomá-lo:*

28 A1: Já! Eu já usei perfume, a planta não conheço!

29 A2: Pathcholin... No meu interior tinha, agora vai começar a aparecer...

30 A3: Ah! É aquele negócio de quadrilha!

31
32 *Sobre suas lembranças:*

33 *com o intuito de provocar as lembranças, pergunto sobre os sentidos usa-*
34 *dos pela autora, e se em algum momento de suas vidas pularam fogueira*

35 A1: A audição!

1 A2: Não, o olfato, o cheiro! Para que a gente sinta o cheiro! Às vezes eu
2 sinto o cheiro que me lembra quando eu era criança!

3 A3: Comigo é cheiro de chuva! Eu lembro quando eu ia tomar banho na
4 chuva, quando eu era criança, eu ficava mal...

5 A4: O perfume alma de flores eu lembro do meu avô que já morreu, aon-
6 de eu sinto eu lembro dele!

7 A1: Já! Aqui mesmo, mas eu não pulei só vi!

8 A2: Agora que não mesmo, que tudo isso tá acabando por causa da nova
9 geração!

10 A3: Essa nova geração já não tá ligando pra cultura, os pais não incenti-
11 vam e também alguns deles não passaram por isso.

12 A4: A internet! Só quer saber da internet, querem outras coisas que é me-
13 lhor do que pular quadrilha.

14 A5: Mas esse negócio de fogueira, professora, pra outros estados tem!

15 A3: Mas nós estamos falando daqui! E essas perdas são negativas, porque
16 tá perdendo identidade, um pouco!

17 *Percepção do lugar:*

18 Pergunto se eles ainda percebem, no seu próprio município, se ainda
19 apodemos encontrar algo que demonstre a identidade local, a cultura lo-
20 cal:
21

22 A2: Aqui tem o festival do açaí, mas não é, mas como antigamente, não é
23 a mesma coisa, antes tinha o cordão da borboleta, o boi!

24 A2 Igual no texto, eles tinham a cultura deles, eles valorizavam a cultura,
25 eles pulavam fogueira, valorizavam mesmo e hoje não, eles não estão valori-
26 zando, eles estão perdendo. Aqui na cidade, não tem fogueira, ano passado
27 não teve derrubada do mastro, barraquinha de pipoca...

28 A3: Às vezes tem pouca comida típica, e hoje ainda tem a quadrilha, a
29 comida e o bingo!

30 Para fazer uma reflexão sobre o ato de lembrar, pergunto se para
31 eles isso faz bem:

32 A1: Faz, faz bem.resgatar!

33 A2: Quando eu lembro da minha infância, só é coisa boa, naquele tempo
34 era bom, quando eu era criança eu não fazia nada, hoje em dia é só problema!
35 Agora tem que arrumar a casa, fazer comida, tomar conta do namorado!

36 A3: Eu ia muito pra casa do meu avô lá no interior, e andava de casco!

1 *Lembranças da autora x lembrança dos alunos:*

2 Na seguinte pergunta sobre as lembranças da autora e as coisas vividas
3 por eles próprios, pergunto se tem algo parecido:

4 A1: Mais ou menos, acho mais pro meus pais, talvez eles se lembrem
5 mais!

6 A2: A minha mãe pulou fogueira no tempo dela, hoje não tem mais!

7
8 *O que se vive hoje:*

9 Questionei se o São João vivido por eles hoje, é bom:

10 A1: É!

11 A2: Eu acho que antigamente era melhor, esse ano passado ficou bom, te-
12 ve mais brincadeira, as pessoas, as pessoas já não sabem disso, hoje é só qua-
13 drilhas, os brinquedos, antes tinha a barquinha!

14 A3: Hoje é só chapéu mexicano, a barquinha fica parada!

15
16 **5. Conclusão**

17 Para um trabalho dessa natureza acredito não haver muitos pontos
18 finais e conclusões fechadas, trago algumas reflexões acerca do que foi
19 feito, e do que sentimos no decorrer dessa pequena parcela de contribui-
20 ção a favor de mais trabalhos de inserção da literatura amazônica em sala
21 de aula. Acima de tudo está um interesse maior, ajudar, contribuir de al-
22 guma maneira para a formação de um aluno leitor, que a partir de suas
23 conclusões saiba compreender e fazer suas próprias críticas. Convidar es-
24 se aluno a ir mais além de suas interpretações comuns não é tarefa fácil,
25 mas é possível. Podemos perceber nesse trabalho que realmente um texto
26 tem lacunas para que o leitor possa assim fazer novas leituras.

27 Aqui, podemos perceber os leitores em quase todo os instantes,
28 buscaram suas experiências vividas em seu contexto social ou familiar
29 para interagir com a obra. Dessa forma é perceptível, certa intimidade en-
30 tre leitor e obra, de maneira que em sua maioria os alunos leitores, passa-
31 ram ou já ouviram falar sobre o que a autora rememora em sua crônica.

32 Como profissionais, por outro lado, temos que olhar com mais cari-
33 nho para nossa prática e avaliarmos com seriedade, para que não seja-
34 mos meros sujeito “donos da verdade”, mas que deixemos nossas “ver-
35 dades” serem abaladas, cutucadas para que tenhamos um pouco mais de
36 consciência da nossa importância como colaboradores na construção de

1 muitos outros novos leitores no mundo, “nós pensamos somente a partir
2 daquilo que nos é lançado por outros [...] sem o outro não há sujeito”.
3 (PETIT *apud* ROUXEL, 2013, p. 24)

4 Para Regina Zilberman (2004, p. 55) “a consciência produtora cria
5 um mundo como sua própria obra”, assim sendo a leitura um caminho
6 para a busca da identidade do sujeito:

7 Ler assume hoje um significado um significado tanto literal, sendo, nesse
8 caso, um problema da escola, quanto metafórico, envolvendo a sociedade que
9 busca encontrar sua identidade pesquisando as manifestações da cultura. Sob
10 este duplo enfoque, uma teoria que reflète sobre o leitor, a experiência estétí-
11 ca, as possibilidades de interpretação, e, paralelamente, suas repercussões no
12 ensino e no meio talvez tenha o que transmitir ao estudioso, alagando o alcan-
13 ce de suas investigações. (ZILBERMAN, 2004, p. 6)

14 Dessa forma percebemos então, a importância de se ampliar as
15 discussões para o trabalho com literatura nos espaços formais de ensino,
16 aqui em específico a literatura de expressão amazônica, para que a leitura
17 torne esse indivíduo efetivamente participativo de uma sociedade.

18 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

19 BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

20 FARES, Josebel Akel et al. *Texto e pretexto*: experiência de educação
21 contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos. Be-
22 lém: Cultural CEJUP, 1992.

23 _____ . O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. *Revista*
24 *Cocar*, Belém, vol. 7, n. 13, p. 82-90, jan.-jul. 2013.

25 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

26 NUNES, Paulo. *Literatura paraense existe?* 2008. Disponível em:
27 <[http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-](http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html)
28 [nunes.html](http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html)>. Acesso em: 12-08-2017.

29 PANTOJA, Edilson. *Não existe uma literatura paraense?!* 2011. Dispo-
30 nível em: <[https://pt.scribd.com/document/162328255/nao-existe-uma-](https://pt.scribd.com/document/162328255/nao-existe-uma-literatura-paraense-edilson-pantoja)
31 [literatura-paraense-edilson-pantoja](https://pt.scribd.com/document/162328255/nao-existe-uma-literatura-paraense-edilson-pantoja)>. Acesso em: 05-08-2017.

32 ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In:
33 _____. *Leitura de literatura da escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

- 1 ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São
- 2 Paulo: Ática, 2004.